

# Limites do simbólico e o real das drogas na juventude

*The limits of the symbolic and the real drugs in youth*

**Cleyton Andrade**

## Resumo

O texto procura discutir algumas implicações dos limites do simbólico na sociedade contemporânea na perspectiva da clínica psicanalítica de orientação lacaniana. Esta elaboração é resultado de um trabalho clínico em um CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas) e de investigações realizadas em um Núcleo de Pesquisa em Toxicomania e Alcoolismo de um Instituto de Pesquisa em Psicanálise e Saúde Mental. O recurso metodológico escolhido para esta investigação é o fenômeno social da relação dos jovens com a droga. Através das relações da juventude com a droga procura-se entender alguns aspectos da gramática que regulam esse funcionamento. Como resultados são apresentados dois modos de lidar com o gozo da droga que incide no corpo, conforme se trate de usos da substância fora da dependência ou na toxicomania propriamente dita: como semblante e como ruptura.

## Palavras-chave

Juventude; droga; psicanálise.

## Abstract

*The text discusses some implications of the symbolic limits in contemporary society from the perspective of the Lacanian orientation of psychoanalysis. This study is the result of clinical work at a CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas) and investigations conducted in a research Center for Substance Abuse and Alcoholism Research Institute of Psychoanalysis and Mental Health. The methodological approach chosen for this research was the relationship of young people with the drugs as a social phenomenon. Through the youth relationship with the drugs some aspects of grammar that rules this operation. As a result it was observed two ways of dealing with the enjoyment of drugs as its use out of dependence or its use the drug addiction: as a semblant and a rupture.*

## Keywords

Youth; drugs; psychoanalysis.

**Cleyton Andrade**

**Universidade Federal de Alagoas**

Psicólogo, Psicanalista,  
Professor do Instituto de  
Psicologia da Universidade  
Federal de Alagoas, Doutor em  
Estudos Psicanalíticos pela  
UFMG.

[cleyton.andrade@ip.ufal.br](mailto:cleyton.andrade@ip.ufal.br)

## Limites do simbólico e o real das drogas na juventude

Há na toxicomania um limite. Um limite da instituição, da sociedade, das políticas públicas, das famílias, dos meios de comunicação etc. Quase tudo de aberrante pode ser atribuído direta ou indiretamente à droga: famílias que se desmancham, falências, morte prematura de um ídolo da música, crimes. E, de fato, muitas vezes é possível constatar a sua incidência, o que contribui para a sua cristalização como uma lenda urbana. Tanto é assim que quando aquele que cometeu um ato aterrorizante não faz uso de drogas, logo o imaginário social recorre à significação de uma vida sofrida ou fica atônito quando nada disso se encaixa. Quando não encontra a droga, nem *bulling*, nem um histórico de violência, parece haver uma falha na construção da significação social. É uma das instâncias do limite a que a sociedade é constantemente confrontada. Ela é frequentemente desafiada nos limites de seu próprio entendimento a respeito desses episódios.

### Os limites do simbólico

A toxicomania também aponta e denuncia outro limite: qualquer mal-estar encontra hoje uma solução química fora da palavra e que incide sobre o corpo. Aqui tudo começa a ficar um pouco mais complexo, pois há um cruzamento entre o limite do simbólico para o sujeito que optou pela toxicomania e o limite que isso impõe sobre o Outro da Cultura, que se mostra impotente para lidar com a resposta encontrada pelo toxicômano. Ou seja, o limite do simbólico de um, produz um tipo de resposta que se impõe como um limite do simbólico para o Outro.

Mas a modernidade não oferece garantias para que esse ponto de limite apareça propriamente como um limite. Há um procedimento contemporâneo quase sistemático que se presta a eliminar os efeitos dos cortes produzidos, dos impasses, e das angustias que podem advir.

Entretanto, parece que o que mais concerne aos analistas e à clínica é de outra ordem. Pode ser que um dos limites do simbólico mais relevante para a clínica seja a noção de incurabilidade—tanto em Canguilhem (2005) quanto em Lacan, tal como se pode extrair de seu ensino após a noção de *sinthoma*. O Outro social, por diversas formas de discursividade, pode vir a falar de um incurável de fundo moral na toxicomania. Proposições assertivas de que uma vez toxicômano e alcólatra sempre o serão, são alguns desses exemplos cujo fundamento não se apoia nem numa categoria submetida ao conceito de saúde (CANGUILHEM, 2005) nem de algum correlato do mal-estar no sentido freudiano, tal como é abordado em *O mal-estar na civilização*. No máximo se alojam na racionalidade moral que já definiu a loucura (FOUCAULT, 1978) e ainda insiste em manter sua sistemática a qualquer questão que envolva drogas e álcool.

A despeito do nome, o incurável que é capaz de mobilizar a cada um é o que fora apontado por Canguilhem, Freud e também Lacan. Refiro-me aqui ao incurável que se encontra no âmbito da possibilidade de conceber um limite do simbólico. Pensar o incurável como um impossível torna-se um ato ético.

### A droga como forma de evitar o impossível

O problema é que o toxicômano é o que é justamente por ter encontrado a cura. Os “métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. [...] O mais

grosseiro, embora o mais eficaz desses métodos de influência é o químico: a intoxicação” (FREUD, 1930[1974], p.96). O toxicômano não testemunha nem porta a experiência de quem carrega em si as marcas do que é incurável. E sim, daquilo que lhe aparece como o método mais eficaz de evitar o sofrimento e o mal-estar. A droga o torna impotente para se deparar com a sua impossibilidade, posto que ela coloca em curso uma resposta lida em termos de solução. A impossibilidade encontra-se ausente na fala e na experiência do toxicômano.

A não abertura a uma experiência de encontro com o impossível não é uma exclusividade que se apresenta frente ao uso de uma substância. Não é somente a droga que torna o homem insensível à experiência. Todos são débeis quanto àquilo que lhes diz respeito. A modernidade e, sobretudo o capitalismo oferecem exemplos satisfatórios para que se possa compreender em que medida o impossível é uma categoria que concerne cada vez menos ao que se poderia chamar de uma condição humana. A impotência habita a todos de um modo mais perceptível do que a própria impossibilidade. Esta precisa emergir de algum modo, visto que não se pode reconhecê-la facilmente como tal.

A impossibilidade é um fato de estrutura, porém, em virtude de uma série de artifícios, de instrumentos, pode ser obturada, não reconhecida em termos lógicos, como se fosse medicada e silenciada em seus efeitos sobre o sujeito. A ciência e as figuras de saber que assumem a forma de mercadorias são exemplos de obturações das possibilidades de uma experiência do impossível.

Como, então, responder aos limites do simbólico? Existe uma abundância de saídas pelo imaginário, saídas por imagens identificatórias, molduras na imagem do corpo, dentre outras, a ponto de se dizer que esta é a era das imagens, dos ícones. A juventude frente às novas configurações dos espaços sociais pode se apresentar como um interessante campo para pesquisar os limites do simbólico. Tanto no que diz respeito ao uso de drogas pelos jovens, quanto na sua apresentação clínica e social mais grave, que é a toxicomania.

## O despertar da pulsão pelo real

Com Freud é possível iniciar a discussão sobre os jovens a partir da puberdade. Nela se coloca uma questão a respeito da sexuação, do real do sexo no ser falante. Freud demarca que a sexualidade é o que faz “furo no real” (LACAN, 1972 [2003], p.558). Após a infância algumas escolhas previamente feitas serão repensadas, revividas e refeitas em meio a profundas transformações no corpo que também visarão preparar o organismo para o encontro com o sexo.

É nesse momento crucial, do novo despertar da pulsão pelo real biológico, que cada um deverá construir uma resposta particular, subjetiva, para o problema da sexualidade, ou melhor, da não-relação sexual e do impossível que a constitui. É esta resposta diante do encontro com um impossível que se constituirá como sintoma e que definirá a escolha do sexo pelo sujeito.

Um ponto que diz respeito ao encontro com o sexo nos jovens que se observa na contemporaneidade é a falta de mitos e, conseqüentemente, de ritos comuns que permitem lidar com esse real de forma mais socializada. Esse desaparecimento dos mitos, e dos ritos que os reproduzem, tem promovido cada vez mais rupturas nas relações entre parceiros e nos laços sociais de maneira geral. Parece haver uma proliferação de pequenos atos ritualizados particulares, restritos aos grupos, que instituem modos de vida cada vez mais alternativos e criativos, porém, sem evitarem a marca da

solidão e da segregação. Esses novos rituais (múltiplos *piercings*, escarificações, tatuagens que recobrem o corpo, festas *rave*, uso de drogas etc.) se caracterizam como signos da marcação de uma passagem, atrelados aos movimentos da moda; são uma espécie de sintomas *prêt-à-porter*. Nessa nova dimensão da sociabilidade, um dos tipos de iniciação é o uso da droga, que marca um ponto de entrada e um tipo de relação do sujeito com seu corpo enquanto parceiro de gozo.

As estratégias face ao impossível da relação sexual variam sempre de caso a caso. Deve-se então questionar o que haveria de novo na clínica com jovens? Mesmo com as novas soluções e com os novos modos de vida, os jovens continuam procurando o divã. O que isso tem a ensinar aos analistas?

É possível que ser jovem passe por uma promessa de um gozo permissivo e com isso seja possível perguntar sobre quais são as novas formas que essa promessa adquire na atualidade. Contudo, mais do que a permissividade, o que mais opera na contemporaneidade é seu oposto. O gozo não é somente permissivo e permitido, ele é marcado por um imperativo. Seriam essas novas formas apenas algumas estratégias de ruptura onde a imagem se distancia do simbólico? Ou seriam estratégias de enlacs, de soluções que inventam, que criam, para além de uma expectativa moralizante esperada pelo social? Ou ainda, seria o jovem o porta-voz de uma certa dança entre rupturas e enlacs? Não seria nem uma coisa nem outra, mas sim, ora uma ruptura, ora um enlace.

É possível que certas rupturas e enlacs funcionem como verdadeiras soluções. Discorrer freudianamente sobre soluções é falar de algo que oferece uma saída para o sofrimento e para o mal-estar sem que se tenha que passar pelo sintoma e, conseqüentemente, pela fantasia. Uma solução a um impasse não produz outro impasse. Não provoca angústia nem deixa como resto uma pergunta para o sujeito. A menos que ele encontre pelo caminho um analista.

Os analistas se interessam pelo modo como os jovens frequentam as ruas, as noites, as baladas; o modo como se deparam com o sexo; como tratam o próprio corpo, tanto em relação ao sexo quanto às marcas, *piercings*, tatuagens e drogas.

A novidade não está no fato de usarem utensílios para gozarem, mas na função desses para os jovens, numa questão para além da estrutura. Talvez seja prudente ao examinar as questões pertinentes à juventude, suspender por algum tempo o debate em torno das saídas encontradas na neurose e na psicose, assim como das funções desses instrumentos de gozo nas estruturas. Isso porque as tribos de adolescentes não se formam em torno de uma estrutura clínica. Os grupos que habitam e transitam no espaço social não manifestam a voz das nosologias, muito menos de seus significantes mestres mais usuais. Eles se reúnem em torno de uma gramática própria, mesmo que em formação, e ainda assim reivindicando uma inscrição no Outro social.

Portanto, a questão está em torno das promessas de gozo permissivo, da imposição de gozo irrecusável, das rupturas, dos enlacs imaginários. Enfim, das soluções obtidas através de utensílios de gozo que são usados, não de forma unânime, mas em larga escala pelos jovens. É preciso perguntar sobre o lugar dessas soluções na juventude.

Um problema sobre o gozo colocado por Lacan no seminário 20, *Mais, ainda* (1972-73[1985]), é que o corpo é feito para gozar. Se por um lado, a linguagem é um aparelho para produzir gozo, por outro, o corpo pode encontrar outros aparelhos para gozar. O uso de tais aparelhos leva à questão da técnica e, conseqüentemente, ao ponto em que a técnica do corpo não é outra coisa senão uma técnica de gozo. O toxicômano testemunha isso de uma maneira notória. Essa tecnologia aplicada ao corpo

pode ser a tentativa de uma apreensão simbólica, assim como uma tentativa de promover um arranjo de uma relação do corpo com o real.

O toxicômano faz da técnica do corpo um ato silencioso, um elogio ao aparelho de gozo fora da linguagem. Como a linguagem também é um aparelho, talvez seja possível chamar de utensílios ou instrumentos de gozos aqueles que se prestam a uma tentativa de gozo fora da linguagem.

De que modo seria legítimo diferenciar uma toxicomania na juventude da toxicomania na idade adulta? Ser jovem ou não, não é apenas um elemento secundário nessa equação? Uma opção para tratar a questão pode passar por um recorte que se pretenda orientador: pensar o lugar da droga para os jovens.

## Juventude, corpo e drogas

Dentro do tema da separação, encontramos na adolescência o tempo privilegiado de um empenho nesse trabalho de separação dos pais, dos ideais veiculados por eles e das identificações verticais, preponderantes até então. É possível verificar aí a queda de alguns ideais veiculados pelos pais e seus representantes, assim como do abalo de diversos traços identificatórios. Essa separação pode resultar em modalidades de um encontro com a dor de existir e a covardia moral que, de uma maneira muito mais frequente na juventude, pode produzir novos alvos que surgirão como verdadeiros substitutos. O jovem elege novos traços identificatórios não mais regidos pela verticalidade de uma autoridade paterna, mas pelo traço do semelhante, do igual, do especular. A identificação entre irmãos que permite uma nova modalidade de laço elege alguns significantes mestres que ordenam e organizam um grupo. Consequentemente, erguem novos ideais diante da queda ou abalo daqueles que, a partir de então, passam a parecer velhos e ultrapassados.

Se a clínica ensina como quedas de traços de identificação e de ideais podem resultar em diversas modalidades da depressão, em contrapartida, constata-se que habitualmente os jovens encontram uma saída.

As transformações sofridas pela função paterna têm consequências diretas sobre as formas assumidas pelo sintoma. Estas formas implicam num certo exercício do gozo que estabiliza um tipo de comportamento para o sujeito. Elas atendem e se pretendem funcionar como solução, para adotarmos o sentido dado por Freud (1930[1974]). E é nessa direção que aponta a noção trazida por Bernard Lecoeur e Hugo Freda, conhecida como as *novas formas de sintoma* (FREDA, 1996).

Na adolescência, com o desligamento da autoridade dos pais, o jovem pode encontrar no campo social um cenário privilegiado para o endereçamento de uma crise ou de uma separação. Entretanto, essa separação não tem valores absolutos. Hugo Freda (1996) indica um caminho ao lembrar que Lacan, no final do seminário sobre Joyce, aponta para a questão de fazer um pai.

O que faz irrupção não é um sintoma no sentido clássico do termo, mas sim um 'fazer' que não deve ser confundido com uma passagem ao ato. Esse 'fazer' – já avançado por Lacan – tem uma série de funções, das quais a mais importante, verossimilmente, é a de restituir a figura do pai. [...] Em nossa opinião, essa modificação da função do pai tem consequências diretas sobre a forma adquirida pelo sintoma, onde se presentifica uma certa gestão do gozo que estabiliza um tipo de comportamento. (FREDA, 1996, p.21).

A separação no horizonte do adolescente geralmente se faz acompanhada de uma tentativa de inscrição no Outro, num tempo em que se verifica a passagem do pensamento ao ato (FREDA, 1996). Com frequência nos deparamos com comportamentos e atos que são interpretados como transgressores e delinquentes, sem, contudo, indicar uma posição subjetiva. Nesses casos não teríamos um sujeito delinquente, onde o ato nomeia a posição subjetiva, mas apenas atos e comportamentos repletos de intencionalidade, na busca de uma inscrição (FREDA, 1996). Para Hugo Freda (1996), é possível construir uma série de sintomas de inscrições e não inscrições no Outro.

Hugo Freda (1996) incita a questão de saber qual a forma que o Outro adquire para o sujeito, pois em função dessa apresentação, este escolherá um modo possível para se inscrever, já que uma nomeação dará o colorido do modo de inscrição. Os grupos de jovens por vezes parecem ser verdadeiros clubes ou associações em torno de um nome que marcará o eixo das identificações horizontais entre seus integrantes.

Na resposta encontrada pela via da identificação horizontal há a alternativa de uma satisfação imaginária. Trata-se então de um gozo imaginário, que não faz da linguagem o seu campo.

Frequentemente refere-se à toxicomania como um gozo cínico, muito embora já no seminário 20, Lacan afirme que o gozo é sempre do Um (1972-73[1985]). Portanto, de certo modo, todo gozo é cínico naquilo que prescinde do Outro. Por que falar de gozo cínico na toxicomania, se não é esse o elemento fundamental que estabelece uma diferença? A dimensão cínica contida nessa noção aponta para a exigência de situar um lugar que já foi percebido por Diógenes: o do próprio corpo. É sempre o corpo que goza e o gozo é sempre do Um. Consequentemente, seja com a droga ou sem ela, o lugar essencial do gozo é o corpo. “Não é lá que se supõe propriamente a experiência psicanalítica? – a substância do corpo, com a condição de que ela se defina apenas como aquilo de que se goza” (LACAN, (1972-73[1985], p.35).

É possível que tal debate tenha que abordar a dialética entre o gozo do Um e o gozo fálico (LACAN, (1972-73[1985])), uma vez que alguns preferem a droga a utilizar um órgão para fazer conexão com o Outro. O problema é que o gozo fálico aparece apenas como outra figura do gozo do Um. A questão vai tornando-se cada vez mais complexa, na medida em que um corpo que goza e fala, justamente por isso, busca e obtém diversos meios para realizá-lo (LACAN, (1972-73[1985])).

Uma primeira hipótese recai sobre os momentos decisivos pelos quais passam os jovens. Impasses quanto ao sexo, às rupturas, às tentativas de novos enlances, ou mesmo aos novos problemas colocados pelo corpo. Vale observar a proporção que cada um desses possíveis encontros e desencontros traumáticos apresentam algum modo de expressão no corpo. O real das drogas pode ser pensado como a emergência do encontro com próprio real do corpo. Seria um instrumento que faz do corpo o meio de se obter uma solução. Essa saída pode ser tomada como uma espécie de subversão e, nesse caso, como algo novo.

## De drogas e de semblantes

Isso pode ser fácil de entender em casos de toxicomania, contudo, talvez não seja o elemento mais significativo na grande maioria dos jovens que fazem uso das drogas em tempos atuais. O uso é sem dúvida diferente, não só pelo seu lugar e sua função, quanto pelo lugar ocupado pela droga e pelo corpo próprio. Os jovens toxicômanos e aqueles que não o são

diferenciam-se também pelo modo como usam o corpo e os seus instrumentos.

Para a juventude que escapa à toxicomania apesar de não escapar à substância entorpecente, em oposição ao real das drogas, encontra o semblante. “O semblante como categoria é o antónimo, o oposto ao real”<sup>1</sup> (MILLER, 2002, p.12). É Lacan que ensina que o semblante faz oposição ao real, mesmo que seja dominado por ele. É apenas no primeiro ensino de Lacan que há uma predominância do semblante sobre o real, quando este é elevado quase à categoria de significante. Muito embora sua tentativa inicial tenha sido a de obter um real *significantizável*, ele não tardou a observar que havia ali uma inadequação decisiva. Restaria ao semblante fazer a operação entre o significante e o significado inscrevendo-se ali onde, no real, não há saber (MILLER, 2002).

O semblante é sem dúvida um instrumento, e como tal, é algo de que o sujeito pode se servir. Nesse caso, a droga pode compor uma medida do que é ser jovem e servir muito bem para fazer semblante. Muitos jovens se servem mais dos semblantes do que das drogas. E mesmo quando se servem das drogas, muitas vezes, o fazem mais como semblante do que como uma forma de fazer e sustentar rupturas.

De certo modo os jovens se colocam entre dois exemplos essenciais do semblante: entre o feminino e os Nomes-do-pai, em que o não ser e o não ter aparecem com exigências de tratamento para a falta. Em outras palavras, ser jovem passa por realizar uma das modalidades da incidência do semblante sobre o real. E segundo Miller (2002), fazer isso é uma das formas de fazer existir a realidade sexual. O semblante consiste em “fazer acreditar que há algo aí onde não há. Por isso a fórmula *não há relação sexual* implica que, ao nível do real, só há semblante, não há relação”<sup>2</sup> (MILLER, 2002, p.18).

Fazer existir a realidade sexual se equivale a fazer existir o pai. Aqui aparece a dimensão do fazer, que é tão cara ao tema das drogas. Nem sempre se pode inscrever o ato de se drogar como uma passagem ao ato. Sobretudo no uso constante da droga pode estar em jogo uma ação sistemática de fazer da droga um elemento fundamental para a economia psíquica e, principalmente, para a economia que circunscreve o gozo no corpo. Nesse sentido ela se apresentaria como um fazer. Esta é uma noção preciosa na medida em que oferece elementos para pensarmos o uso da droga para além das categorias de *acting out* e passagem-ao-ato. No ponto em que quero salientar, o fazer da droga se coloca a serviço de outro fazer. Este interessa aos jovens enquanto um elemento essencial no jogo da juventude: produzir uma aparência, um dar a ver.

Assim, o uso da droga pode ser um semblante entre os jovens. Pode ser tanto o semblante, um objeto postiço, quanto de um objeto prótese, numa diferença destacada por Miller (2002): “O objeto prótese assegura uma função onde o objeto natural falta; ao passo que, o postiço garante a imagem e não a função”<sup>3</sup>(p.162). O primeiro garante uma imagem, enquanto o segundo garante uma função. Sendo assim, a droga estaria para o toxicômano muito mais para uma função de ruptura, de prótese, enquanto que para a maioria dos outros jovens estaria mais para um garantidor de uma imagem, um objeto postiço. Os jovens geralmente estão inseridos na “indústria do semblante” (MILLER, 2002, p.162) e quando o que está em jogo é o semblante, é o objeto postiço e não o objeto prótese que entra em cena. Para muitos jovens o uso da droga é o elogio à imagem em detrimento de algumas funções.

É bem verdade que o falo é um semblante, um emblema para além da imagem, mas o jovem não escapa de abordá-lo pela via do imaginário. Mesmo que conte com certo uso do corpo, é de um corpo que se presta a uma subjetivação, a uma significantização. Para o jovem a questão de ter

## 1

“El semblante como categoria es el antónimo, lo opuesto a lo real” (MILLER, 2002, p.12).

## 2

“*hacer creer que hay algo allí donde no hay. Por eso la fórmula no hay relación sexual implica que, a nivel de lo real, solo hay semblante, no hay relación*” (MILLER, 2002, p.18).

## 3

“El objeto prótesis asegura una función donde el objeto natural falta; en cambio, el postiço garantiza la imagen y no la función” (MILLER, 2002, p.162).

um corpo habitualmente se transforma de maneira especial em um corpo que se possui, num elemento de propriedade: “o corpo é meu! faço com ele o que eu quiser!” diz com frequência um adolescente.

É provável que o novo contexto das drogas entre os jovens fique por conta de um gozo imaginário, que numa primeira clínica ficaria muito mais como “o gozo do próprio semblante no espelho e não tanto do corpo próprio” (MILLER, 2002, p.232). Ele é imaginário no sentido em que depende essencialmente da imagem e faz barreira frente à operação simbólica, opondo-se ao significante. É um gozo que dificilmente se distingue do prazer.

Portanto, a droga pode servir bem a uma tentativa de restituição do gozo fálico; para fazer uso do semblante; para sustentar um gozo imaginário; e para fazer laço através das identificações nos grupos, elementos que por vezes se assemelham em alguns aspectos à clínica da psicose, sem, contudo, ser um dado de diagnóstico estrutural.

Contudo esta não é a única clínica da relação entre a juventude e as drogas. A droga pode exercer uma função numa articulação entre imaginário e real, e não entre imaginário e simbólico como no caso em que atua como semblante (ANDRADE, 2014). Portanto, há também um lado pouco promissor e monótono, ao invés de criativo. Refiro-me à toxicomania propriamente dita. Como metáfora a um caso clínico para pensar outro modo do uso da droga, trago alguns comentários do filme *Réquiem para um sonho* (2000) de Darren Aronofsky. Nele a droga se recusa insistentemente a prestar-se à função de semblante e a consentir com uma experiência que passe pelo discurso e pela linguagem (ANDRADE, 2014). Nada de sonhos em jogo. É a droga na sua dimensão de ruptura que marca a trilha de um réquiem.

## Réquiem para um sonho no despertar da primavera

São quatro protagonistas e quatro sonhos. Três jovens e uma senhora. Harry quer ser rico e se dedicar ao amor pela namorada Marion. Esta por sua vez quer ter sua própria grife. Ty, assim como Harry, quer ser rico e curtir a vida. Por fim Sara, mãe de Harry, que sonha ter uma vida melhor e menos solitária, sonha diante de (e com) um programa de televisão. Os jovens começam a conseguir dinheiro para realizarem seus sonhos e a mãe de Harry é chamada para participar de um programa. Todos estão prontos para realizarem seus sonhos.

O filme começa com um programa de auditório que anuncia repetidas vezes uma ganhadora: “We got a winner!”. De repente a cena é cortada por uma tomada que é arrancada da parede e com ela a primeira frase, que é da mãe: “A tevê não!”. A imagem é de uma mãe aterrorizada e um jovem exigente.

No filme *Juventude Transviada*, a personagem de James Dean também faz uma exigência ao pai. Ele faz um apelo para que o pai diga o que cabe a um homem. O que um homem faz e o que faz de alguém um homem. Porém Harry é um desses jovens de hoje, quer o televisor da mãe para drogar-se, e diante do desespero dela, ele não hesita nem fica dividido e aos gritos diz: “Por que me faz me sentir tão culpado mãe?”. Ela se tranca num quarto. Ao levar o televisor Harry constata que está preso por uma corrente. E continua: “Por que faz isso comigo? Sangue do seu sangue! Quer que eu quebre tudo e queime a casa toda?”; diz à mãe a ponto de quase convencê-la de que não tem escolha.

A cena mostra mãe e filho separados por uma porta e pela tela dividida. Nenhum contato, nem visual, a não ser o dela que por vezes espia temerosa pelo buraco da fechadura. Ele pede a ela que abra a porta usando outro tom

de voz. Porém, todo o medo estampado no rosto da mãe nos faz desconfiar se era de fato uma demanda ou uma ameaça. A mãe, em voz baixa, fala com o marido já morto. Ela faz um apelo a esse pai e diz que no fim tudo acabará bem. Vale notar que essa frase “no fim tudo vai acabar bem” e “tudo vai voltar a ser como antes”, são frases usadas diversas vezes no filme.

Imediatamente após o apelo da mãe o espectador é assaltado pela música, por um réquiem, que fazendo função de corte mostra outra cena: a tevê vai ser objeto de troca.

Cena: Os dentes cortam o papelote; suspiro; células num real do corpo biológico; isqueiro aceso; droga fervendo; seringa enchendo; pupila dilatando; droga na veia; novo suspiro; pupila dilatando; música eletrônica. O mix ficou por conta da música, da cena, e da droga no corpo, em imagens bem mais rápidas que o tempo gasto para descrevê-las.

Ty e Harry planejam comprar drogas, adulterá-las e revender para fazerem fortuna. Enquanto isso a mãe que parece só ter o filho e a tevê, assiste a segunda, paralisada pelo programa que propõe uma vida melhor, sem deixar de comer doces, chocolates, sorvetes, tudo compulsivamente. Eis que um telefonema funciona como um novo corte, não da cena, mas da trama e no caminho dessa mulher. Ela ganhou! Vai aparecer na tevê. Curiosamente é a primeira vez que desliga o televisor. De imediato vai ver seu vestido vermelho que marca seu nostálgico lugar de objeto de desejo de um homem já morto. O vestido vermelho e a televisão se encarregam da sintaxe de um sonho. Mas ela não é mais a mesma, o vestido se tornara apenas um signo, resto de uma imagem e de um olhar. Movida mais pelo vestido que pelo programa examina um livro de dietas: “Cinco quilos em dez dias”. A única coisa decifrável no livro é a palavra “não”, o que recusa qualquer expectativa promissora.

Enquanto a mãe na solidão da sala lê o livro de dietas, os jovens em turma, já que não parecem estar nunca sozinhos, tomam pílulas, ouvem música eletrônica e fazem a festa. Sara se vê diante da infelicidade com a dieta e da geladeira que ganha vida própria. Com isso decide procurar um médico para tomar pílulas para emagrecer. Afinal, ela queria parecer exuberante com seu vestido vermelho sem saber que o que lhe conferiu aquele brilho de outrora não fora o vestido, mas o olhar de seu marido sobre ela com o vestido. O olhar desse homem como causa lhe passa completamente despercebido.

Cena: Tráfico; som de caixa registradora; droga; tráfico; dinheiro; beijo; sonho da grife. Parece uma metonímia. E é nisso que acreditam! Apostam suas fichas de que há uma troca fálica em jogo, um caminho para terem dinheiro e o próprio sonho. Creem que com esse produto é possível fazer metonímia, inseri-lo numa função fálica.

Sara tem nas mãos um roteiro, uma programação dada pelo saber médico. A roxa de manhã, a azul de tarde, a laranja de noitinha e a verde antes de dormir. Perfilam-se os elementos que caracterizam o medicamento na sua diferença em relação à droga. Ele não se reduz à substância. O medicamento deve ser usado sob certas regras. Há normas quanto ao horário, quantidade. Há um princípio formal e normativo na medicação, o que não ocorre com a droga. Em contrapartida ela toma o primeiro comprimido. Não se sabe se inibiu seu apetite, mas é possível ver o quanto lhe veio um imediato apetite de vida. Ela fica eufórica, começa a dançar. Efeitos de significação são produzidos uma vez que, para além do que se esperava dos comprimidos, trouxeram algo a mais: uma euforia travestida de alegria de viver. O medicamento restaura os efeitos de significação fálica e ela acaba de ser apresentada a um gozo que até então era desconhecido dela mesma. Um passo para o medicamento assumir a função da droga.

Num outro lugar da cidade seu filho Harry, desconhecendo o novo gozo da mãe, diz para sua namorada que quer dar uma televisão nova para ela. Ao

dizer que o vício da mãe era esse, ele acreditava ter nomeado e com isso circunscrito algo do desejo dela. Ele ainda não sabe o que há de novo!

Outra novidade nas cenas aceleradas de um vídeo-clip. Às imagens dos jovens se drogando se juntam as da mãe se medicando, já indicando um desfecho em que a medicação deixará de ser um remédio para ser uma droga. A cada vez, o gozo outrora desconhecido já é concebido como só alcançado através de um artefato.

Cena: Boca que rasga o papelote; células; droga fervendo; corrente sanguínea; braço; papelote; dinheiro; pó; carreira; dinheiro/nota que vira canudo que aspira a carreira; pupila dilatando; vidro abrindo; pílula caindo; pílula na boca da mãe; vidro que fecha; café; água; mãe bebendo o café. Em seguida a tristeza e a solidão de sua agitação ao arrumar a casa e a perturbação diante da televisão, que até então era o foco de seus sonhos.

Harry resolve fazer uma visita à mãe para contar do presente e falar de sua nova vida e planos para se casar, mas se depara com a aceleração de Sara pelo uso de anfetaminas. Ele lhe adverte dos riscos da medicação se tornar uma droga, dizendo isso do lugar de uma mestria que, segundo ele, pertencia mais a ele que aos médicos. Ao seu alerta “Vai ficar viciada!”, ela responde prontamente: “Mas o vestido já está quase cabendo”. Mostrando o quanto é assustadora e óbvia sua resposta. Ela se lembra do olhar do marido quando a via no vestido vermelho. Para ela estava claro que poder vesti-lo novamente e, principalmente na televisão, faria com que todos gostassem dela. Porém, não lhe restava mais nada. Ou seja, agora ela goza não só de um novo corpo e de novas partes do corpo, como também de recortes do passado.

Cada um procura sustentar seu argumento. Ela diz que o medicamento a aliena novamente no Outro, que a reintroduz na significação fálica. Ele por sua vez, com a experiência que só a juventude lhe conferiu, adverte que essa significação fálica seria rompida pelo próprio objeto que parecia restituí-la. Mas ela já havia se deixado hipnotizar por essas pílulas de gozo e com isso não lhe deu ouvidos.

O começo do Réquiem. De diferentes formas tudo começa a dar errado, tudo fica fora do controle. A decadência de uma relação que parecia ser de amor, os negócios, as dosagens dos remédios. O réquiem agora é para todos, se torna a trilha sonora que unifica todos os descaminhos.

Quando entram nessa trilha, na sonoridade de um réquiem, fica difícil descrever, tanto pelo ritmo eletrizante quanto pela rapidez, tudo o que passam os protagonistas, simultaneamente. Agora as imagens falam mais, deixando a todos mudos e perplexos, e deixam a suspeita de que pesadelo se trata. Até aqueles que estão acostumados a tratar da miséria do mundo não deixam de perder o fôlego, alguns angustiam, outros ficam acelerados como se as cenas fossem elas mesmas comprimidos. O ritmo frenético absorve e consome, deixando os espectadores num batimento semelhante ao de uma festa *rave*.

Terminam todos separados por fins trágicos, só unidos pelo diretor numa posição fetal, como se fossem embalados por um sonho que não existe mais. Se eles existiram não foram extraviados pelas vias do desejo ou da pulsão. Não fizeram o caminho do sintoma, tão somente optaram pela saída e pela solução obtida pelo real do corpo, que não fez mais que desencadear um réquiem.

A saída encontrada pelo diretor Darren Aronofsky das posições fetais para cada um dos protagonistas (Ty aparece lado a lado com a imagem dele quando criança deitado no colo da mãe), pode sugerir que há algo em torno do passado que mobiliza cada um. E que a busca que empreenderam, tratava de uma tentativa de preencher a história com um capítulo que ficou faltando. Talvez essa sugestão valesse numa aposta em um inconsciente

histórico e determinista. Entretanto, o que o próprio filme deixa explícito é que, diante do real que se apresenta para cada um deles, a modalidade de resposta foi obtida através do real do corpo, sem que daí surgisse qualquer elucubração de saber.

A condição humana se caracteriza pelo fato de não saber fazer com o que lhe é mais caro, evidenciando assim uma debilidade mental. Se todos tinham um sonho, o trágico ficou por conta de não saberem o que fazer com os sonhos que lhes eram tão caros.

Mesmo assim, diante desse não saber fazer com, deixaram de produzir uma elucubração de saber e fizeram tão somente tomar mais uma dose. Essa é a diferença. Se o inconsciente é uma elucubração de saber sobre a debilidade mental, ele ficou de fora de toda a trama.

O jovem casal que parecia uma versão atual de Romeu e Julieta se dilui na corrente sanguínea e nas pupilas dilatadas. Eram Romeu e Julieta no sonho do amor eterno e até no réquiem dos corpos mortificados. Porém, a juventude dos quatro se diferencia no ponto em que para o casal shakespeariano, a verdade é que morram os amantes para que não morra o amor, posto que para eles não é chama já que é eterno. Por outro lado, para Harry e Marion, que morra o amor, se esse não for apenas um sonho, para que os amantes não morram de fissura ou abstinência. Se existiram os ideais, como existiram os sonhos, eles já teriam tocado sua última nota.

O real que não tem sentido faz tanto mal para eles quanto faz para cada um de nós. A dor que sentem é a mesma que todos procuram anestésiar. Porém, enquanto uns se defendem do real com o inconsciente que podem; outros se defendem do real, através do real do corpo.

Um último comentário. Algumas saídas que a juventude encontra através de certo uso do corpo são nitidamente abordadas no filme. Contudo, apesar de toda a tragédia, alguma coisa ainda conforta. Explico: ao longo de certo tempo os jovens ao serem confrontados com seu irremediável impasse frente ao real e à necessidade de romperem com as figuras de autoridade, podiam escolher sair da casa dos pais. Esses jovens do filme, que sem dúvida pertencem aos dias de hoje, apesar de causarem um impacto, ainda saem de casa, como em outras gerações. O risco é que o paradigma dos próximos jovens não seja sair da casa dos pais para terem liberdade, mas de matarem os pais para não perderem a casa. E com isso não perderem nada.

Pensar a respeito dos limites do simbólico a partir no fenômeno do encontro dos jovens com as drogas não oferece um cenário homogêneo nem normativo. Prescrições formais são de pouca ou rara utilidade. Não há previsibilidade possível quanto aos efeitos do encontro da juventude com a droga. Estes são inscritos como contingências mediante a construção de cada história, menos por concepções subjetivistas da subjetividade do que por uma objetividade com a qual são convocados a se depararem. Dentre elas, talvez a de maior impacto seja o real do corpo.

Como resultado de um encontro contingente com o real da droga, a juventude pode conferir a esta a função de um semblante, quando não se tratar de uma toxicomania propriamente dita. Por outro lado, como explicita o filme de Aronofsky, diante do real da droga o que pode advir é um réquiem para os semblantes do contemporâneo, restando apenas o real do corpo como lugar do imperativo do gozo.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 21/11/2014

**Aceito:** 24/03/2015

## Referências bibliográficas

ANDRADE, C. Uma taça de vinho para Kangxi e Mêncio. In: MEZÊNCIO, Márcia; ROSA, Márcia; WILMA, Maria. **Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 79-85.

CANGUILHEM, G. **Escritos sobre a medicina** – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica** – São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FREDA, H. O adolescente freudiano. In: **Adolescência: o despertar**. Kalimeros/Publicação da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro: Dezembro, 1996.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI, p. 75-171.

LACAN, J. Prefácio a O despertar da primavera (1972). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 557-559.

LACAN, J. **O seminário: livro 20: Mais, ainda** (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MILLER, J.-A. **De la naturaleza de los semblantes**. Buenos Aires : Paidós, 2002.